

TRAJETÓRIAS DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: ANÁLISES A PARTIR DA CATEGORIA RAÇA

*Vilma Aparecida de Pinho
Universidade Federal do Pará – Altamira
Órgão financiador: Fundação Ford

Resumo

Por meio desta pesquisa, realiza-se um estudo sobre as trajetórias de vida e escolarização de jovens negros em conflito com a lei com o objetivo de investigar os fatores sociais que os levaram ao ato infracional. As análises foram realizadas à luz do aporte teórico das relações etnicorraciais, com ênfase nos enfoques teórico-metodológicos da dialética e da fenomenologia. A pesquisa foi realizada com jovens que cumpriam medidas socioeducativas, em um estado da federação brasileira, no primeiro semestre de 2008 e início de 2009 e, utilizou como instrumento de coleta de dados, questionário semi-estruturado e história de vida. Os resultados indicam, por um lado, que os jovens negros em conflito com a lei são construídos historicamente e socialmente pelas condições de pobreza material e não material herdadas de gerações anteriores. As trajetórias de vida analisadas a partir de gerações anteriores à dos jovens, sujeitos do estudo, indicam que os contextos sociais de moradia, escola, ocupação e renda das famílias são fundados no racismo estrutural e, uma vez herdados de gerações anteriores, impactam na vida dos jovens. Nesse sentido, a pesquisa revela a partir da constatação da ausência de políticas públicas a corresponsabilidade do Estado, pois as exclusões sociais causadas pela negligência desses direitos os tornam vulneráveis ao cigarro de nicotina e depois a outras drogas. O estudo evidencia o papel das ideologias sobre raça em diferentes momentos das narrativas realizadas pelos componentes do universo empírico, especialmente nos processos de exclusão ocorridos no contexto escolar que se apresentou extremamente desfavorável a uma formação de qualidade. Conclui o estudo que os fatores sociais que envolvem os jovens negros com álcool, drogas e atividades ilícitas se relacionam diretamente com os efeitos sociais de raça e racismo. As interculturalidades e a violência racista são evidenciadas na pesquisa pelas condições objetivas e subjetivas de ser negro em uma sociedade cujos referenciais culturais são eurocêntricos.

Palavras-chave: jovens negros, violência racista, trajetórias escolares; atos infracionais.

Introdução

A problemática desta pesquisa foi elaborada após a constatação da discriminação racial no cotidiano escolar pelo estudo da percepção de professores a respeito de seus alunos negros. Observamos a descrença na capacidade intelectual de alunos negros; a estigmatização

* Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF e Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará – UFPA; realizou a pesquisa com o apoio da Fundação Ford como bolsista da Coorte 2006. E-mail: vil_mapi@hotmail.com ; vilmapiinho@ufpa.br

de suas atitudes como violência¹ e agressividade; o insulto racial; o isolamento de crianças negras nas atividades de grupo, etc. Esses processos de discriminação racial direta, eram incrementados com expressões que apontavam as suas famílias como mau exemplo, incapazes, portanto, de cuidar das crianças.

Desde essa pesquisa, me pareceu pertinente analisar as trajetórias de vida e escolarização de jovens negros em conflito com a lei, pois esses jovens, assim como qualquer outra categoria de humanos (professor, cientista, médico) são construções sociais, ou seja, é preciso uma ordem social que objetivamente propicie experiências que se institucionalizam e são reconhecidas como tal. Fundamentada em Berger e Luckmann (1976) compreendemos que “a realidade produz um tipo específico de pessoa. [...] A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social”. Nesse sentido, jovens negros em conflito com a lei é uma produção humana no sentido político e social das condições históricas dos quais foram destinatários.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os fatores sociais da construção de jovens negros em conflito com a lei. Nesse sentido, por meio das abordagens dialética e fenomenológica enfocamos os aspectos socioeconômicos e existenciais desses jovens, com vistas a analisar os fatores sociais, econômicos e culturais que possivelmente os levam a cometer atos infracionais.

A metodologia da pesquisa

Esta pesquisa é orientada pela concepção dialética e fenomenológica, cujo objeto é construído a partir da relação indivíduo e sociedade. Maria Cecília Minayo (2004) afirma que na pesquisa social, a fenomenologia e a dialética se complementam. Visto que, por um lado o enfoque fenomenológico busca situar os sujeitos na vida cotidiana, com suas angústias e preocupações, em intersubjetividades com seus semelhantes. Nessa perspectiva, procura revelar “os significados subjetivos implícitos que penetram no universo dos atores sociais”. Por outro lado, o enfoque dialético abrange a vida humana, que é social e está sujeita à mudança e à transformação e, como aporte teórico-metodológico, é crítico, pois busca “a

¹ Destaco que a partir da hierarquia criada sobre a diversidade humana, Nina Rodrigues, um racista, defendia que a raça tinha que ser um critério de atenuação da responsabilidade penal, pois a consciência do direito e do dever era inerente aos povos “civilizados” ou “superiores”, condição que negros “propensos à violência” não conseguiriam alcançar, ainda que fossem socializados na convivência com o branco. Na contemporaneidade, a sociedade naturaliza concepções racistas pela associação da negritude à violência em filmes como “Candelária”, “Cidade de Deus”, “Cidade dos Homens”, “Carandiru”, etc.; na TV há vários programas, mas, especialmente, os jornais apresentam e exploram imagens e discursos distorcidos sobre as realidades perversas em que vivem as famílias negras e pobres. Sobre a associação da negritude à violência ver *Os condenados da cidade* (2005); *Punir os Pobres* (2007) e *As duas faces do gueto* (2008) de Loïc Wacquant.

compreensão das transformações dos sujeitos na relação dialética homem/mundo e da sociedade humana, fazendo a síntese entre o passado e o presente” (MINAYO, 2004, p. 68).

As técnicas utilizadas nesta pesquisa para coleta de informações são compostas por instrumentos que incluem a análise documental, a observação, a entrevista semi-estruturada e a entrevista sobre história de vida. Cole & Knowles (2001) definem pesquisa sobre história de vida como “exploração das condições de vida humana”. Trata-se, portanto, de um estudo sobre a vida humana.

Da entrevista sobre história de vida, participaram dois jovens oriundos da mesma família, são eles Ricardo Silva e Bernardo Silva, ofereceram dados sobre história de vida mais três jovens oriundos de famílias diferentes: Messias Duarte e Junior Roque, tendo em comum o fato de pertencerem às alas de internação masculina, e Joana Maria. Essa última jovem permanecia na ala feminina. Do ponto de vista da pesquisadora, todos os jovens, com exceção de Junior Roque, são negros.

Ser negro para os jovens em processo de “ressocialização”

No que se refere à identificação racial, dois jovens, cujas características fenotípicas indicam a negritude, confirmam essa identificação. São eles Ricardo e Bernardo, mas Messias, apesar de apresentar os traços fenotípicos de negros, se identificou como da raça ou da cor morena, “optando” pelo ideal de Ego branco.

Ricardo assumiu a sua negritude desde que realizamos a coleta de dados por meio da entrevista semiestruturada. O jovem se autodeclarou negro pela sua origem, se identificou como negro e, de acordo com as categorias do IBGE, se assume como preto. Disse que aprendeu desde criança que é negro e que existe *esse negócio de racismo, mas não ligo com isso [...] eu sou negro*.

Ricardo começou a perceber a diferença por meio das “brincadeiras” em casa, quando seu irmão negro, de pele um pouco mais clara e de cabelo menos crespo que o dele, humilhava-o com insultos raciais. Essas “brincadeiras” evocavam as figuras representativas do mito negro, em que o irmão mais claro buscava afirmar que o negro era sujo, menos inteligente, feio, ruim, etc. D. Alexandrina intervinha, dizendo para Bernardo não xingar seu irmão, porque todos eram seus filhos, por isso eram todos iguais, negros como ela: *mamãe mostrava a sua barriga... Porque nós nascemos dali e mostrava seu braço [a cor negra] para nós*. O jovem estendeu o braço, fazendo os gestos de sua mãe, expressando que ela enfatizava a cor de sua pele para dar um sentido de igualdade entre eles durante os conflitos entre os

irmãos.

Na convivência com a avó materna, Ricardo aprendeu a amar os traços negros que marcam a identidade dessa raça, como o tipo de penteado que a avó fazia: “minha avó era bem negra, de cabelo parecido “bombril”, ela sempre usava um lenço”. Ele fez os gestos, expressando de maneira muito carinhosa que a sua avó fazia um penteado que formava uma figura que se conformava a um círculo pelo uso constante do lenço na cabeça. Durante o depoimento, o jovem expressou satisfação na convivência com a avó, que implicava com a negritude da sua família, “o cabelo dela era lindo, parecia com um “bombril”, quando estava solto, macio, bonito”. Mas, apesar da questão racial estar tão presente nas suas realidades corporais e nas suas subjetividades, nunca trataram desse assunto, “não conversava sobre isso [...] nunca minha avó falou disso”. Ricardo passou experiências de sua vida relativas à negritude sem conversar, como se fosse um tabu. A avó é querida, é bonita, mas houve o ocultamento, embora tão pulsante, da raça nessa relação. É como se o positivo numa pessoa não estivesse relacionado com a questão negra, a negritude precisa ser negada, porque o que se sente pela pessoa amada não condiz com as ideologias criadas sobre seus traços físicos.

Sempre fui assim negro, eu não sei como é ser branco, eu não nasci branco... Eu não tenho como arrancar isso de mim [olha para o corpo] eu não queria ser... Mas eu sou... Estou bem assim, olho para minhas mãos e tá de boa, eu posso jogar sinuca, pegar as coisas... (Ricardo Silva).

A identidade racial desse jovem foi construída em territórios de conflitos, por isso a aceitação da raça, não pelo orgulho de ser negro, mas pela sua facticidade biológica impossível de mudar. Essa consciência é alienada, pois não se amplia para níveis políticos e ideológicos de transformação, mas para um ideal de Ego que é expresso no seu desejo por garotas brancas e pelo seu descontentamento com a cor do corpo, com o cabelo, etc.

A violência racista faz o sujeito criar uma consciência do corpo como objeto de inferioridade. Como afirma Costa (1983, p. 6), ao ter consciência do racismo, “o psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio”. Ocorreu com Ricardo e Messias o que acontece com a maioria dos negros brasileiros, o conflito psíquico, causado em decorrência da incompatibilidade entre a realidade corporal e os enunciados sobre a identidade mediada pelos signos culturais. Nesse contexto, para o negro, as vivências não têm o significado de prazer e vida, mas de dor e morte. Com Messias e Ricardo ocorreu o que afirma Freire Costa sobre a violência racista: “a relação persecutória com o corpo expõe o sujeito a uma tensão mental cujo desfecho [...] é a tentativa de eliminar o epicentro do

conflito” (p. 6).

Existe um avanço no que se refere à negritude assumida por Ricardo em comparação com a de Messias, que é marcado fundamentalmente pela forma como cada jovem desenvolveu a consciência corporal. Ricardo consegue falar como percebeu as diferenças do corpo e o que significavam tais experiências no cotidiano. Já Messias ainda é prisioneiro de um desejo que controla o pensamento, sem o qual o jovem se abstém do poder de lutar, concentrando-se no âmbito da autodestruição.

V.P. – Messias, sobre a sua cor, qual é a sua cor?

Messias – Ah! eu não entendo desse negócio, não... [silêncio].

V.P. – Quando você está no seu grupo de amigos, como você se identifica?

Messias – Eu sou moreno [silêncio].

V.P. – E sua família? Com relação à sua origem familiar?

Messias – A mãe de meu pai era branca.

O avanço atribuído à identificação racial de Ricardo ocorre em vista de que esse jovem parece que realizou a transposição do impulso irracional, causado pela incorporação de um ideal de ego branco, cujo projeto de identificação é acessado pela cultura e é extremamente brutal para a racionalidade lógica, que leva à percepção de sua existência e reage, autodeclarando-se negro. Mas, consciente do racismo, busca sobressair da inferioridade pela via do branqueamento. Não ocorre, portanto, a negação, mas parece que o jovem não consegue viver com o objeto da dor a partir do que poderia representar um filho ou uma parceira negra. Nunca namorou uma garota negra e mostrou preferência pelas brancas.

As múltiplas determinações da pobreza

As condições sociais dessas famílias têm raízes históricas e foram determinadas pela ausência de recursos econômicos (capital econômico), em decorrência principalmente da precária distribuição de educação escolarizada entre seus membros. Entretanto, a condição social que foi transmitida – baixa escolaridade, baixa renda – entre as gerações é incrementada, atualmente, pela ausência de serviços públicos fundamentais, criando, portanto, um adereço a mais na alegoria² da pobreza dessas famílias por falta de urbanização, segurança

² Tomo emprestado de Souto de Oliveira esse termo que a autora utiliza para caracterizar a favela como uma alegoria da pobreza urbana. A partir da compreensão de alegoria, realizada com fundamentação em Hansen (1986), que afirma: “a alegoria – grego *allós* = outro; *agourein* = falar diz *b* para significar *a*. Nesse sentido, continua a autora, “ela é um procedimento construtivo, constituindo o que a Antigüidade clássica e cristã, continuada na Idade Média, chamou de ‘alegoria dos poetas’: expressão alegórica, técnica metafórica de representar e personificar abstrações”. A autora indica que assim definida, a favela passaria “a incorporar os

pública, lazer e cultura nos bairros onde vivem.

Nesse contexto de moradia pobre, ocorre a instalação, a produção e a venda de drogas. Guimarães (1998 p. 143) indica que a invasão das favelas (refere-se ao Rio de Janeiro) pelo tráfico tem um duplo efeito:

[...] reforçar a deteriorização da imagem dos favelados pela sociedade mais ampla, incorporada, em parte, por alguns moradores do morro, mas tende também a ampliar tal imagem, conferindo aos favelados, além dos atributos de ‘atrasados’, ‘moralmente degenerados’, ‘acomodados’, ‘perigosos’, os de ‘marginais’, ‘criminosos’, ‘violentos’.

A interação dos jovens com o chamado “mundo do crime” não ocorre sem conflitos, principalmente porque há referências no mundo deles que são distintas dos códigos de conduta das “galeras”. O polo referencial que mais pesa na balança dos valores é a família. Nesse sentido, a escola, que deveria, pela educação transformadora, ser um centro referencial de condutas, teve seu papel na vida dos jovens, mas não no sentido político-ideológico da transformação social, conforme se verá pelas trajetórias de escolarização.

Os valores da família pesam mais na “escolha” entre os “mundos”, as punições, as conversas, e os prêmios oferecidos como tentativa de mudar comportamentos são indícios de que os pais utilizam todos os argumentos possíveis para vencer a luta contra a entrada dos filhos para as “galeras”³.

A dupla referenciação a que são submetidos os jovens é causada, principalmente, pela inobservância de princípios básicos da vida pelo Estado, que demonstra, por meio de suas instituições, uma incapacidade crônica de gerir recursos materiais e simbólicos que teriam o papel de gerar condições de vida dignas e expectativas positivas para esses jovens. Como afirma a autora Eloisa Guimarães (1998), “a referência de autoridade legitimamente constituída sofre um processo sistemático de debilitação” nesse contexto.

Com relação aos sujeitos desta pesquisa, percebi que a realidade criada pela inércia dos poderes públicos dificilmente levaria esses jovens a outros caminhos, que não fossem o “mundo do crime”, visto que a sua realidade social é favorável às experiências consideradas ilícitas. O contexto onde Bernardo (irmão de Ricardo) manuseou com surpresa uma arma – “Eu pegava, pegava, olhava, olhava... Achava pesada, mas bonita. Eu peguei um 38 novinho.

múltiplos significados atribuídos à noção de alegoria: o dito pelo não dito; um modo de falar e um modo de entender; uma imagem sensível que facilita a apreensão do conceito; um desafio ao alegorista, que é o que sabe olhar com olhos de ver” (SOUTO DE OLIVEIRA, 1999, p. 4).

³ Retiramos essa denominação da autora Eloisa Guimarães (1988).

Eu ficava mirando em algum alvo... Fui ‘tentando, no começo parecia difícil, mas depois... ’” [enquanto falava demonstrava o tamanho da arma e fazia gestos que imitavam o seu manejo] – é definidor do padrão de relacionamento desses jovens.

O conflito entre o “mundo do crime” e os valores instituídos, representados pela família, chega às vias de fato. Bernardo lembrou que seus pais fizeram de tudo para conter a sua participação nas “galeras”. Em uma dessas discussões o jovem enfrentou seu pai, quando estava prestes a levar uma surra dizendo: “em mim você não bate mais!” O pai (Sr. Pedro), cansado de conversar (dados de depoimento), desafiou o filho, dizendo: “debaixo desde teto isto não continua” [o jovem fala com o dedo indicador apontado para a frente, com firmeza imitando a expressão do pai]. Ele respondeu: “então eu saio”.

Bernardo saiu de casa no mesmo instante e se alojou com uma “galera” próxima e, em um mês, já arrependido de sua decisão, resolveu voltar, após uma conversa de reconciliação com sua mãe e seu pai. Mas era tarde, porque, na semana seguinte, quando pretendia retornar, a PM o encaminhou para a Delegacia da Infância e da Juventude.

A realidade que constitui esses sujeitos se apresenta de maneira mais incisiva nessa etapa da vida em que se questionam valores e normas (sociais) estabelecidos. O estilo de vida adotado pelos jovens é extremamente difícil de combater, até porque não se trata de um estilo em que prevalece uma escolha. Mas uma imposição social.

Trajetória de escolarização de jovens negros em conflito com a lei

Ricardo (18 anos), Bernardo (19 anos) e Júnior (19 anos) sempre estudaram em escola pública. Dos que participaram da pesquisa sobre história de vida, Messias (18 anos, negro) foi o único que estudou em um colégio particular na maior parte de sua trajetória de escolarização. Também foi o único que frequentou a educação infantil. Os demais começaram a estudar por volta dos cinco anos de idade, na pré-escola e /ou na primeira série do ensino fundamental. Isso significa que os jovens tiveram acesso ao sistema formal de ensino na idade/série prevista para começar o processo de escolarização.

As reprovações escolares são dados marcantes nas trajetórias de escolarização de todos os jovens entrevistados. Messias frequentou por 6 ou 7 anos a primeira série do ensino fundamental sem conseguir aprovação. Os jovens Ricardo e Bernardo estudaram até a 6ª série do ensino fundamental, repetindo a 5ª série por três vezes, e, ao passarem para a 6ª série, nela permaneceram por dois anos. Com relação à idade, todos estão em distorção idade/série de pelo menos quatro anos. Com a idade entre 18 e 19 anos, se tivessem um percurso normal de

escolarização, poderiam pleitear cursos acadêmicos de nível superior. Messias atribui suas reprovações às professoras. Ricardo começou a ser reprovado depois que passou a usar drogas, na quarta série, aos 10 anos de idade.

Nas trajetórias de escolarização dos jovens Messias (negro) e Ricardo (negro), as hostilidades e a preterição foram recorrentes e começaram quando ainda eram crianças, nas séries iniciais. Messias afirmou que tinha problemas na relação professora e aluno, visto que afirmou que não se dava bem com as professoras e não gostava muito delas.

Messias - Toda a matéria eles não explicavam, e fazer sozinho, eu não vou fazer. Se eu nunca vi um negócio, como que eu vou fazer sozinho. Isso com todas as matérias... [pausa] Mais é Português, eu não consigo ler muitas letras que ficam juntas... Tem letra que é ‘mudo, eu não sei’.

Messias - Eu não me dava bem ali junto com eles...

V. P. - ali junto...

Messias - É (...).

V.P - Na hora que ela ia te ensinar?

Messias - É (...). Daí ensinava um e não ensinava eu, daí aquilo ia me dando mais raiva ainda. Porque eu era o maior da aula, daí eles [os professores] pegavam e ensinavam só os menores. E não me ensinava.

Ricardo e Messias afirmaram que, na escola, era muito difícil fazer amizades, ainda mais com colegas, tipo “patricinha”, de cabelo “arrumadinho” e com roupa e sapatos novos. Ricardo, em especial, disse que os risos e as conversas daquelas pessoas pareciam caçoadas dele, e nesses grupos não encontrava abertura para começar amizades e fazer amigos. *“Na escola era esquisito. Se tinha um grupo de meninas ou de gurizada que você não conhecia... Ave Maria! Já passava longe”*. (Ricardo). A rejeição à criança negra, na relação professora e aluno, ocorre muitas vezes porque a mentalidade da professora foi formada por uma cultura que desvaloriza os potenciais dos negros, em vista dos mitos que se inscrevem no imaginário social. Souza (1983) destaca alguns mitos: “retardado, perverso, selvagem, com maus instintos”; “irracional, o feio, o ruim, o sujo”, etc.

Eu chegava na escola e daí saía lá pra fora e ficava lá. *Ficava lá fora cuidando das meninas...* Eu ficava reprovado por falta, às vezes ou eu era expulso. Eu e uma penca ficamos nessa aí... Que ficou reprovado... (Ricardo).

Esses dados indicam que a discriminação racial na escolarização desse jovem foi um processo contínuo, que começou ainda na pré-escola e perdurou até a fase dos namoros na juventude. A rejeição dos colegas é tão perversa quanto à dos professores, pois quando não há alteridade nas relações, extinguem-se radicalmente os contatos de afeto, solidariedade e trocas. Esse processo, agregado à discriminação da professora, torna ainda mais profunda a marginalização desses jovens no interior da escola.

Os dispositivos pedagógicos utilizados pela escola em relação a esses jovens se

caracterizam pela punição, fato bastante observado pelas suspensões, bilhetes, sermões e registro em “livro preto”. Ricardo e Messias enfrentaram esse processo desde cedo na vida escolar. Ricardo afirmou que, no começo, tinha medo e não compreendia o que isso significava. Apenas cumpria os castigos, sem a consciência dos prejuízos que isso trazia ao seu processo educativo. Mas, com as práticas de suspensões como um mecanismo de punição da escola, descobriu que ficar fora de sala de aula o prejudicava muito, mas, como isso já vinha ocorrendo de longa data, não sabia como contornar a situação.

Ricardo - Eles me davam suspensão de um tipo que minha mãe tinha que assinar para eu entrar na escola de novo, mas eu não avisava minha mãe... Eu saía de casa e fazia de conta que ia para a escola, mas eu ia dar “rolê” pela cidade, depois eles também não ligavam para ela, quando mamãe ia na escola já fazia até um mês que eu estava fora, daí eles ligavam para minha mãe ir até a escola assinar o documento, daí quando eu retornava para sala já tinha perdido muita coisa. Eu não sabia nem onde tinha parado e nem qual matéria as professoras estava dando...

Destacamos que as denominações adjetivantes, “revoltados”, “bagunceiros”, “agressivos”, são mecanismos de desqualificação atribuídos aos alunos negros na escola (PINHO, 2004).

O tipo de relação que os professores estabeleciam com Ricardo, desde o início de sua trajetória escolar, não permitiu que ele encontrasse o caminho de volta, ainda que tivesse percebido o quanto estava sendo prejudicado, não sabia com quem conversar, haja vista que todos da escola imputavam a ele os estigmas de “fracassado” e “agressivo”. De maneira que, por volta da 3ª ou da 4ª série, pensava que era “atentado” mesmo e, por isso, tinha que ficar todos aqueles dias fora da sala de aula como punição. Mas quando retornava, não sabia mais o que a professora estava ensinando. Continuava tentando, contudo, devido à relação estabelecida com a escola, sua vida de estudante se tornou confusa e totalmente desinteressante, e isso foi conflitante e difícil para lidar. A tensão entre ele e a escola ficou sem controle.

O declínio da frequência escolar desses jovens ocorreu concomitante às suas inserções cada vez mais profundas com as “galeras”. Isto porque, no início, os jovens (Ricardo) usam a “maconha” após um convite, depois começam a fazer compromissos, marcam festas e sentem-se “amigos”. Júnior se identifica como pertencente ao *mundo do crime*. Daí ocorre à naturalidade das ações consideradas ilícitas.

Eles permanecem na escola, mas, como afirmou Ricardo: *Eu ficava olhando para o quadro, mas não via o que passava, quando assustava a aula já estava terminando (...)*. Sob efeito da droga, os jovens entram em sala, mas não conseguem dar a devida atenção às

matérias escolares, perdem a concentração e ficam *viajando nas meninas* com muito mais facilidade do que compreendendo o/a professor(a). Nesse período, ele permanecia na escola, mas, com muita frequência, não entrava na sala de aula e, quando entrava, logo saía. Às vezes, ficava até o horário do recreio, quando saía e não voltava mais, e, outras vezes, pedia para beber água como justificativa para a sua ausência.

Ricardo e Júnior podiam ficar até duas ou três semanas sem entrar na sala de aula. Não viam problemas, visto que o ensino e as questões da escola perderam o sentido para a vida das “galeras”, as drogas e os roubos. Mas, além dos efeitos dos entorpecentes, as atividades das “galeras” começam a se intensificar, tanto em tempo quanto em gravidade, interferindo na frequência escolar.

Messias Duarte realizou tentativas para continuar na escola, do mesmo modo que Ricardo, mas permaneceu na mesma série, sem as progressões conseguidas por esse último jovem, que chegou à 6ª série. Permaneceu na 2ª série do primeiro ciclo do ensino fundamental, mas foi expulso após xingar o professor de educação física. Esse desfecho foi muito difícil para o jovem que, pela primeira vez, estava se *dando bem com a professora*. Segundo ele, as coisas iam entrar nos eixos, *eu ia passar de ano*, não fosse o conflito criado nessa aula.

Messias - Daí eu fui até expulso de lá uma vez, por causa que eu briguei com um professor lá. Professor de Educação Física...

V. P. - Professor de Educação Física...

Messias - Eu briguei com ele.

V. P. Como foi?

Messias - Porque nós foi jogar bola e daí tá... Nessa aí o guri veio correndo de lá e falou que queria entrar e já tava certo o time, daí o professor arrancou eu para por o guri. Eu xinguei ele tudo lá, aí eu fui expulso da escola...

Na aula de educação física, ocorreu a expulsão de Messias, que, diante disso, desistiu de estudar. Assim sendo, confirmam-se as minhas questões de pesquisa a respeito da interferência do preconceito e da discriminação racial na escola na construção de jovens que cometem condutas infracionais.

Pode ser que exista, na cabeça do (a) professor (a), provavelmente formado(a) por um currículo portador de uma ideologia, que busca pelo exercício corporal autodisciplina dos gestos, o pressuposto da superioridade da raça branca como meta a ser alcançada. Conforme as concepções higienistas que criaram a Educação física no Brasil; há a concepção de que o aluno negro não tem controle sobre seus gestos, não precisa do lúdico, não é constituído pela estética (sensibilidade), pode esperar porque é “subserviente”. O aluno negro é mais forte, por isso pode machucar os colegas menores. Reduz-se o aluno negro a instâncias biológicas, “despossuído de valores, de civilidade, de humanidade” (SOUZA, 1983, p. 28).

Após essa experiência, o jovem não encontrou mais motivos para retornar à escola, desistiu de estudar e começou ficar mais na rua, onde teve acesso a cigarros de nicotina. Nem ele e nem a sua família souberam dizer, quando e como a dependência de drogas (maconha e crack) se instalou. O fato é que, sem perspectivas, sonhos e possibilidades, Messias começou a desafiar e enfrentar seu pai por causa de dinheiro, precisava de uma quantia toda semana, começou a sofrer perseguições, atentados, levou surras da polícia e começou a fazer assaltos e foi preso várias vezes.

As trajetórias de vida e escolarização dos participantes deste estudo comprovam a corresponsabilidade do Estado pela situação em que eles vivem atualmente, mas os dados referentes aos jovens Ricardo e Messias atestam, de maneira mais contundente, que a desproteção criada pela sociedade é o principal fator que leva esses jovens a terem acesso às drogas. Messias ficava protegido com a mãe no trabalho, mas quando começou a ter autonomia de ir e vir, brincar sozinho, ficou desprotegido, vulnerável às drogas.

V.P. - Quantos anos você tinha quando começou fumar?

Messias - Eu tinha 15 anos, minha mãe não sabia, ela só descobriu quando eu vim preso. Eu fumava só cigarro, daí eu comecei fumar maconha. Daí me mandaram para uma clínica, eu parei de fumar maconha. Eu estava aqui, mas daí passou 15 dias a juíza me soltou e mandou me levar para lá, lá para a clínica X.

As experiências vividas por Ricardo na escola, que marcam a sua trajetória, começaram quando ele estudava na pré-escola. Nessa etapa, ocorreu uma inversão nas atitudes tomadas pela professora em relação às violências sofridas por ele, pois, de vítima, era acusado de causar os conflitos na sala de aula. Desde pequeno, quando uma colega puxava o seu cabelo, a professora começou a denunciá-lo à coordenação como criança violenta, e era preciso convocar a mãe para conversar. Foi quando começaram os bilhetes de convocação para a sua mãe, como ele narra durante a entrevista.

Esse processo deu início a outros, visto que as respostas que Ricardo dava àquelas formas de violência, de maneira involuntária, retornavam contra ele, e, rapidamente, uma vez que, na 1ª série, já enfrentava os sermões da diretora e os castigos em sala de aula. Mais tarde, a escola foi acirrando cada vez mais os processos de castigos, transformando a relação estabelecida entre ele e a instituição de ensino.

V.P. - Quando você era criança, jogou futebol?

Ricardo - Joguei, Ave Maria... Jogava lá na "P", jogava ali naquela quadra na hora da Educação Física, no recreio. Eu não era muito bom, não. Mas jogava assim mesmo. O time que joguei foi só naquele lá do 'CEPA' chamado 'Bom de Bola, Bom de Escola'.

Naquele tempo que eu jogava futebol, foi muito bom, eu tenho saudades, eu não

esqueço nunca daquele tempo. Nós chegava cansado em casa, já escutava aquele barulho da panela de pressão “xixixix”, era mamãe fazendo almoço. Cada um tinha sua obrigação, um lavava as vasilhas, outro limpava o quintal e outro lavava o banheiro. Minha missão era cuidar do cachorro e limpar o quintal, meu irmão limpava a casa e passava cera no chão. Ele encerava muito bem o chão... Ficava limpinho...

Quando dava 12h, nós tomava banho, almoçava e ia pro colégio.

No colégio só desacerto, eu chegava era só recadinho para minha mãe, nossa naquele tempo eu tinha muito medo... Eu tinha medo da diretora... Os bilhetes só falavam: To suspenso tantos dias...

V.P. - Porque esses bilhetes e esses desacertos na escola?

Ricardo - Porque eu brigava... Eu brigava, eu bagunçava. Eu brigava, faltava aula... De vez em quando eu brigava assim... Sabe? Se estavam mexendo com meu irmão, eu nem estava no meio, eu ia lá e brigava...

Desde pequeno, tinha uma menina, ela puxava meu cabelo, eu dava “murro” nela. Aí outro dia a mãe dela ia no colégio, daí mandava chamar minha mãe... Daí pronto...

Eu era pequeno, mas usava o cabelo grande e meu cabelo era muito ‘grenho’, daí ela chegava e puxava...

Bem, bem no início eu nem sabia o que era boca de fumo, a gurizada... Quando eu tinha uns 10 anos e umas gurizadas me chamaram, num corredor que tem do lado de fora da escola, ali perto do portão da escola... A senhora lembra? Eles me ofereceram, ‘toma aí, fuma aí’, daí eu fumei de “dião” (significa durante o dia) e dessa vez eu passei mal, fiquei suando, suando muito... Passei mal, era durante o dia, de ‘dião’, não tem? Eu não queria chegar em casa assim... Fiquei caminhando pelo bairro... Andei, andei daí cheguei [ele esperava o efeito passar], eu não queria chegar em casa daquele jeito. Daí cheguei, comi muito, tomei um banho e dormi. Passei mal e pensei... Rapaz nunca mais uso esse trem não... Da segunda vez, fiquei melhor... Começava gostar, daí foi da terceira vez, da quarta, da quinta vez... Da quinta, até que chegou num ponto que antes de eu comer, eu tinha que fumar, antes do jantar e, às vezes, passava a tarde inteira fumando e cheguei num ponto que não consegui comer, não tinha fome, eu só sentia fome depois que eu fumava. Antes de dormir, eu tinha que fumar também senão não dormia... Aí na hora que levanta também tem que fumar...

Desde os 10 (dez) anos que comecei... [começou usar drogas] E todo ano eu reprovado, reprovado, eu era reprovado desde a 5ª série. Até hoje eu estou para ganhar uma bicicleta, no meio do ano meu pai prometia para mim um vídeo game e uma bicicleta para eu passar de ano. Mas até hoje eu nunca consegui... Se eu passasse, um dos dois (vídeo game ou bicicleta) eu ia ganhar, sabe? Todo ano meu pai prometia, e minha mãe também. Mas todo ano... Antes de terminar o ano, eu estava ciente que tinha perdido a bicicleta. Até hoje não consegui ganhar essa bicicleta. Na verdade, eu ia ganhar se eu passasse de ano. Mas ela não tinha obrigação, eu que era obrigado a passar de ano, mas ela me prometia porque queria que eu passasse...

V. P. - Como foi para você começar...

Ricardo - Um dia eu estava fora de aula... Sabe aquele beco ali? Pois é, eu estava de suspensão da aula e tinha um grupo de gurizada fumando maconha lá e daí me chamaram e ofereceram para mim... Daí fui indo, mas eu fiquei uma ‘rapa’ [muito tempo] sem comprar, mas daí mudei de escola e lá tinha mais... Fui lá pra esse colégio ‘U’ daí desandou tudo...

Eu nunca parei de estudar, todo ano eu começava e desistia no final do ano ou era expulso, antes de terminar. A escola era boa, mas o problema era eu...

Após o uso de maconha, aos 10 anos de idade, Ricardo não compreendia porque tinha que ir à escola, mas, ao mesmo tempo, lá estava. Diante disso, tanto fazia estar suspenso ou não, ele partia para o confronto direto com as diretoras e as supervisoras e entrava na sala. Mas, às vezes, mesmo em período em que não estava suspenso, começou a criar mecanismos

para ficar fora da sala de aula. Foi quando descobriu que permanecer nos arredores da escola, jogando futebol, bolita, e conversando com uma “galera” específica era uma forma de sobreviver à escola. Ficava por ali, mas não entrava na sala.

Eu saía pra escola, mas não entrava na sala de aula... Eu ficava reprovado por falta, às vezes, ou eu era expulso. Eu e uma [penca] ficamos nessa aí... Que ficou reprovado... Todo mundo daquela turma reprovava. Eu me arrependi pra ‘caralho’ porque as gurizadas lá do bairro, já estão no 1º ano, 2º ano ou já terminaram ‘tudo’ (ensino médio). Eu comecei bem... Até enquanto estudava na ‘P’, eu andava tudo certo... Fui bem até a quarta-série, depois entortou tudo, ficou tudo errado... Parei na 6ª série, onde estou até hoje.

Não é exagero afirmar que jovens em conflito com a lei, em certa medida, são frutos do fracasso escolar. O desencontro entre a escola e seus destinatários criou situações tão adversas, que o papel por ela desempenhado na vida dos jovens negros e pobres foi inverso ao que se espera da instituição de ensino. Em vez de formá-los e oferecer-lhes condições intelectuais e sociais para atuar na sociedade, colocou-os expostos às drogas e a outras situações mais graves.

Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que o Estado é corresponsável pela situação vivida pelos jovens hoje, pois a pobreza material e a discriminação racial vivida na escola são determinações sociais impostas pela ineficiência das instituições do Estado em garantir os direitos básicos.

Considerações finais

A construção social do jovem negro em conflito com a lei advém da pobreza enfrentada pelas suas famílias, as quais foram destacadas na pesquisa pelos locais onde viveram, propícios à vulnerabilidade infracional. As trajetórias de escolarização foram afetadas, especialmente, pelos processos de violência racista, vivenciados a partir de agressões físicas e simbólicas de colegas e professores; e, podemos afirmar que as experiências nesse contexto foram pautadas por relações onde se conformam as ideologias e explicações de ⁴ordem racial e da carência cultural.

Os fatores sociais que interferem no fato dos jovens negros serem autores de atos infracionais são complexos, múltiplos e correlacionados, não sendo possível, apontar exatamente este ou aquele evento como o mais crucial para a autoria da conduta. Mas as análises realizadas por mim a partir das trajetórias vida e escolarização apontam que há nas

⁴ Sobre o Fracasso Escolar, verificar Patto (1992).

experiências dos negros as seguintes especificidades: (1) as reprovações escolares; (2) a rejeição dos colegas; (3) os estigmas emergidos pelos mitos negros; (4) os castigos e perseguições.

Falta à escola de educação básica a formação do professor para a diversidade cultural, em combate a prática técnica, sem reflexão crítica. Falta dirimir problemas crônicos na nossa sociedade que se referem a qualidade de vida do professor que interfere no seu desempenho docente, pois cansados se esmeram em dupla e até tripla jornada de trabalho em estruturas precárias, prédios velhos, materiais didáticos insatisfatórios. Pela relação muito tênue entre jovens em conflito com a lei e o fracasso escolar, podemos afirmar que a escola de má qualidade produz jovens incapazes de compreender as suas realidades, que, amarrados e silenciados pela ideologia da inferioridade e pela culpa, possivelmente encontrarão em outros caminhos, indesejados pelas suas famílias e pela sociedade, uma vida possível.

Bibliografia

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Imprensa Nacional, 1991. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/publicacoes/internet/publicacoes/estatutocrianca.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

COLE, A. L. & KNOWLES, J. G. **Lives in Context**. The art of life History Research. Altamira Press. Oxford, 2001.

COSTA, J. F. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. In: SOUZA, N. S. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro, Fator 1983.

GUIMARÃES, E. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo. Editora Hucitec, 2004.

PATTO, M. H. S. **A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro**. São Paulo: v. 3, n. ½, 1992.

PINHO, V. A. de. Relações raciais no cotidiano escolar: percepções de professores de Educação Física sobre alunos negros. Programa de Pós-Graduação da UFMT/IE. **Dissertação de Mestrado**, 2004.

_____. Jovens negros em processo de “ressocialização”: trajetórias de vida e escolarização. 2010. 250 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2010.

RODRIGUES, R. N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 3ª edição. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.

SOUTO DE OLIVEIRA, J. **Juventude pobre: o desafio da integração**. Tese de Doutorado,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1983.